Habitar águas urbanas: casas, vizinhança e temporalidades em uma ressaca aterrada (Santana/ap)

Inhabiting urban waters: houses, neighborhood and temporalities in a terrified ressaca (Santana/ap)

Nina Acacio[1]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
ninacacio@outlook.com
https://orcid.org/0000-0002-7515-1044

Recebido em: 30 de dezembro de 2023
Aceito em: 30 de janeiro de 2024

[1] Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Resumo
O artigo trata do habitar águas urbanas como algo produzido a partir das dinâmicas de vida de moradores/as de uma região de *Ressaca* aterrada na cidade de Santana, no Amapá. Através de uma pesquisa etnográfica discuto como construí minha pesquisa transitando em um ambiente de familiaridade, com as pessoas, coisas e suas casas. A figura da antropóloga, por vezes se mistura, retrocede e dá diferentes tônicas para as reflexões sobre o campo. A partir de um *fazer-vizinhança*, como conceito em discussão, entende-se a casa como ente da etnografia, das relações de vizinhança e da própria cidade. Assim, a partir das casas como ponto de partida para pensar a urbanização e as mudanças ao longo do tempo, descrevo processos de interlocução como modos para discorrer sobre as complexidades de um modo de habitar entre as águas, disputas e discordâncias.
Palavras-Chave: Habitar. Antropologia das casas. Ressaca. Santana/Amapá.

Abstract
The article deals with inhabiting urban waters as produced from the life dynamics of residents of a landlocked *Ressaca* region in the city of Santana, in Amapá. Through ethnographic research, I discuss how I constructed my research moving in an environment of familiarity, with people, things, and their homes. The figure of the anthropologist sometimes mixes, recedes, and gives different tones to reflections on the field. From a neighborhood perspective, as a concept under discussion, the house is understood as an entity of ethnography, of neighborhood relations and with the city itself. Thus, using houses as a starting point to think about urbanization and changes over time, I describe processes of dialogue as ways to discuss the complexities of a way of living among waters, disputes, and disagreements.
Keywords: Inhabit. Anthropology of houses. Ressaca region. Santana/Amapá

Introdução

"Tu tem que ir onde a enchente chega primeiro"[2], foi assim que minha tia me instruiu a "fazer campo". Esse direcionamento partia da ideia de que, se eu como antropóloga tentava compreender o morar em um lugar em que a presença da água tem suas peculiaridades, deveria de todo modo iniciar com aqueles/as vizinhos/as que experenciavam "primeiro" o subir das águas. Deveria, e confesso que assim o fiz, entender o que significa morar em uma região de *Ressaca*[3] a partir do que impacta as pessoas, do que cessa a vida cotidiana e se insere nela, de muitas formas, quase sem perceber.

O texto em questão tratará de uma reflexão sobre o que significa "habitar águas urbanas" a partir do campo etnográfico desenvolvido em minha dissertação de mestrado[4] (Acacio, 2023) com intuito de pôr em debate como minhas interlocuções e o tipo de pesquisa realizada, auxiliam a problematizar a relação dessas pessoas com suas casas, com a vizinhança e a cidade de Santana (AP) a partir de temporalidades não-lineares. Pela forma que a pesquisa se desenvolveu e os seus desdobramentos, pretendo tratar sobre algumas categorias importantes (como *antigos*, *mais novos, fazer-vizinhança* e *ressacas*), que se colocaram à vista e em diálogo com as narrativas pela Avenida Poeta Castro Alves, no bairro *Comercial*[5], na cidade de Santana (Amapá).

Seguindo essa empreitada, divido minhas reflexões em dois eixos: uma discussão sobre minhas interlocuções e o *fazer-vizinhança* que dá sentindo a esse percurso etnográfico; e, os modos que se constroem casas, famílias, sujeitos e a própria água em um ambiente em constante metamorfose, seja por conta da mudança da paisagem, da materialidade das casas ou dos sentidos atribuídos ao habitar que se desenrolam naquele universo da *Castro Alves* e adjacências.

Pesquisando com os antigos, sobre um *fazer-vizinhança*

Meu campo etnográfico se desenrolou em Santana, cidade que nasci e cresci, mais precisamente num conjunto de ruas que muito conheço. Durante quatro meses,

[2] Expressões entre aspas indicaram excertos de falas de meus interlocutores e/ou algum destaque.
[3] Usarei o termo "Ressaca", em especial, em itálico nesse texto pois trata-se de uma nomenclatura dita como "popular", mas que também passa a ser utilizada em suportes mais técnicos (por especialistas, por exemplo).
[4] A pesquisa contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
[5] Em itálico optei por trazer nomes de lugares ou conceitos que, por questões pontuais, necessitam de destaque.

entre os anos de 2021 e 2022, estive no Amapá novamente, com o intuito de articular uma proposição de pesquisa que tinha/tem como centralidade a vizinhança que minha avó paterna habitava há anos. A partir da paisagem que constrói minhas experiências de criança, como de boa parte da minha família, almejei tratar dos modos como as pessoas constroem suas vidas e casas em um ambiente de *Ressaca*, tratando sobre os processos de urbanização como veículos que me levavam a discorrer sobre formação de relações entre pessoas, animais, ambiente e dinâmicas sociais como a violência, por exemplo.

Para tratar, sobre a *Castro Alves* e suas pessoas, um importante conceito teceu minhas investidas em campo, e para as reflexões que aqui realizo me levam para importantes lugares: os *antigos*. Boa parte de minhas interlocuções se referiam aos *antigos* mais do que apenas como uma categoria que demarcava uma certa temporalidade na cronologia do "morar", mas também em um tipo de socialidade importante. Assim, os *antigos* compartilhavam e construíam um conceito sobre si fundando na relacionalidade com os *mais novos,* em especial quando os eventos, festas de aniversário, *bebedeiras* ou mutirões, transcorriam a partir de uma troca e temporalidade específicas (Acacio, 2023). Ao tratar as ideias da produção de um campo etnográfico, ponho em análise as possibilidades metodológicas, técnicas e analíticas para se pensar o fazer antropológico nesse contexto específico, em que casas e pessoas são entendidas como entes co-constitutivos das dinâmicas urbanas (L'Stoile; Neiburg, 2020).

Minha inserção em campo se deu a partir de uma trama de relações de parentesco e vizinhança centradas em "personagens-interlocuções" de minha família paterna que habitam a região da *Castro Alves* há mais de três décadas. Desde a figura da minha avó paterna, Marta, a tios e tias, essa prática etnográfica esteve imersa em dinâmicas de parentesco. Por essa razão, inclusive que demarca modos diferentes de engajamento analítico à essa realidade, é importante pontuar que as casas se tornam não apenas seres que habitam as falas dos *antigos*, mas também adentram um fluxo de lembranças e sensações despertadas pela minha presença. As casas contavam-me histórias antes mesmo de adentrar seus espaços físicos ou imaginativos (aqueles construídos nos atos de narrar sobre o espaço), são seres que habitam, em suas linhas, traçados e marcas, a própria *Ressaca*.

Ao abordar uma relação com os *antigos*, em especial para esse texto, minhas conversas com Dona Socorro e Seu Eduardo, adentrei um campo imaginativo que explorava construir uma relação entre nós (a antropóloga/sujeito e a interlocução) a

partir de suas casas como personagens desse enredo. Entender a dinâmica e agência perante essas relações foi e, de muitos modos ainda é, um desafio de entender formas de imaginar, falar e de responder aos estímulos que o toque, os sons e olhar revelam e se entrelaçam ao presenciar essas materialidades. Aqui apresento uma perspectiva que, influenciada pelas ideias de Ingold (2022), sugere uma dinâmica de relação entre sujeitos e coisas, mas também das ideias como entes esviscerados em seus sentidos, como agentes em operação, em um fluxo externo de uma passividade à modernidade e seus preceitos classificatórios. Pontuo que essas são tentativas, modos de desenhar habitações e histórias alicerçadas não apenas em pilotis, como também nas dinâmicas do lembrar, narrar e viver pela região.

Essa forma de narrar, imbuída de um tom saudosista, demarca o tempo, como não apenas um classificador dos acontecimentos, de uma cronologia. Indo por uma outra ideia, as temporalidades se misturavam, traçam novas conexões e alianças, não se tratava de discutir as diferenças entre os *mais novos* e os *antigos*, como uma diferença basilar, mas de como essas relações se reconstituíam no presente. Elias e Scotson (2000), a partir das ideias de "estabelecidos e outsiders", nos apresentam uma análise sociológica basilar para os estudos de vizinhança, na qual (em linhas gerais) grupos de uma cidade operária passam a se diferençar a partir da temporalidade de moradia em uma região. Certa similaridade sim, mas que se apresenta de um outro modo, já que ao chegar nas casas de minhas interlocuções eu produzia um espaço narrativo em que essa presença podia ser mais bem "pinçada". A ideia é não apresentar essa dada presença e relação como artificial, mas como uma forma de assinalar meu papel nessa situação, não apenas como pesquisadora.

A relação entre fulano e beltrano, desde a chegada na *Castro Alves* e a incursão numa dinâmica de vida em contraste com a água, modula formas de socialidade na região. Assim, *fazer-vizinhança* trata-se de um jogo de dinâmicas presentes no cotidiano dessas pessoas, que está pautado nas especificidades do local que habitam, mas também em conversa com as individualidades e mudanças sucessivas que irrompem, até mesmo a antropologia. Gostaria de explicitar que esse *fazer-vizinhança,* alimentado pelas ideias de Agier (2015), ainda é uma postulação em construção, mas que tem me proposto repensar algumas ideias trazidas na dissertação, como também na prática antropológica e suas nuances de produção da própria alteridade.

As casas, as pessoas e a água

Ao avistar Dona Socorro, em um de nossos primeiros encontros, sentada no alto de sua varanda, lembrei que pouco guardava em minha memória de sua aparência até aquele momento. Ela, uma senhora pequena, de pele amendoada, cabelos curtos e grisalhos, baixa, na casa dos 60 anos, é dona de uma casa alta, uma palafita pintada em um tom rosado, afastada da beira da rua. Escondidas (eu, ela e a casa) por entre várias árvores e vegetação, acima da água, sentei-me, junto com ela, por algumas tardes enquanto registrava em meu caderno de campo nossas conversas, o tom de suas brincadeiras, as mirabolantes histórias e, em tantos momentos, fazia alguns traços tentando captar movimentos, estruturas ou mesmo cenas que se desenrolavam em minha frente.

Tratar de casas e seu constructo como algo que postula um entendimento e, consequentemente, relações que não as apenas aquelas centradas na ação sobre o sujeito na materialidade, mas como Kopper (2021) salienta uma relação de "sinergia", não são desconhecidas pela antropologia. Os trabalhos de Cavalcanti (2009), Cortado (2016; 2018; 2019, 2023), Motta (2016) e Guedes (2017), por exemplo, sobressaem como um "novo" esforços de pesquisa no que concerne explorar o espaço de construção social do espaço doméstico muito além de uma organização da vida em termos "práticos", mas como um desenrolar de trocas que acontecem entre a cidade, os muros, os corpos, a economicidade, a governança e violência. Em perspectivas mais clássicas, por exemplo, e de importante caracterização sobre como a antropologia debate a relação entre vida social, pessoas e suas casas, Bourdieu (1999) e sua análise da casa Kabyle como também os textos de Rapaport (1969) e Cars e Hugh-Jones (1995), que em suas perspectivas demonstram que o espaço tido como do íntimo, o das relações domésticas e privadas, denotam aspectos de um corpo social e das dinâmicas produzidas nos contextos estudados.

É evidente que aspectos físicos, ou talvez mais "arquitetônicos" dos espaços são importantes para o trabalho que desenvolvi. Esses mesmos aspectos, condicionados a "porquês" específicos - como o tipo de madeira que melhor se adapta a construção em uma área alagada; o aterramento; a necessidades de pontes – também carregam contextos múltiplos de significados que fogem a meras relações causais, já que são escolhas e modos tecidos em um corpo de ideias, histórias, concepções de mundo e trocas entre sujeitos, entre uma vizinhança, aparentados e conhecidos. Desse modo,

entendo que o conceito de vernáculo, como tomada pela ideia de Sant'Anna (2013), é deveras importante para a posição aqui levantada. Para a autora a arquitetura vernácula não se relaciona apenas a autoconstrução como característica central, mas também sua produção em contextos sociais que lhe "favorece".

Ao trazer uma breve descrição de Dona Socorro, nossa relação e sua casa nesse tópico tive, e ainda tenho como intuito, demarcar algumas questões interessantes sobre essa convivência e sobre a forma como se articulam as temporalidades para minha interlocutora. Desde nossa primeira interação a colisão entre o passado e o presente, ou talvez as dinâmicas cartesianas do que essas categorias representam, estiveram presentes. Os passados sobre os quais debatíamos eram condições imprecisas de um tempo que ocorria aos nossos olhos, que era desperto e revivido a cada nova pedalada de alguém na rua, nas colocações que lhe fazia ou até mesmo, atiçadas pelo trançar dos cestos que ela produzia sentada ao meu lado.

Aquela casa, em tom rosado, alta, incrustada sobre a água era o ponto de encontro de consonância de ideias do que significava habitar um espaço alagado. Fora construída com o intuito de não *ir pro fundo*, quanto mais alto o assoalho sobre os pilotis de madeira, menos chances de a água passar a coexistir com os móveis dentro da casa. São 37 ou 38 anos, de acordo com D. Socorro, o tempo que morava naquele lugar, "minha filha era de colo ainda", ela me relatou em um dado momento. Outras casas vieram antes, uma delas mais baixa e com a constante presença dos alagamentos povoando as histórias que contava. A decisão, necessária, de construir outra casa, mais alta, mais preparada, parecia o inevitável, assim nasceu a atual palafita.

Figura 1. Casa da Dona Socorro. Fonte: Acervo da Autora (2022).

Dona Socorro, ao falar, produzia em demasiado uma comparação entre o momento atual e o tempo que já se passou, que acontecia no ato de contar histórias sobre o que lhe ocorria à mente, com algumas intervenções minhas aqui e acolá. Deixe-me ser mais direta em relação a isso, como outras interlocuções durante o trabalho de campo D. Socorro alertava-me sobre a mudança do tempo calcada na modificação de como as coisas funcionam, de como as relações entre a vizinhança passavam a se estabelecer, mas também com os animais, plantas e a prefeitura, por exemplo.

A medida da passagem do tempo ali na *Castro Alves* para ela, era dada pelas modificações que se dava na paisagem, mas também no corpo e nas reminiscências de outros momentos e relações. Ao lhe perguntar a quanto tempo morava ali, a medida de lembrança era a idade dos filhos, algo que acontecia de forma mais usual quando as conversas se davam com mulheres, mães e, também, avós. Ou quando, lhe perguntava sobre algum momento ou evento específico, como o aterramento ou a chegada do asfalto, a casa transformava-se em paramento de lembrança, um ente de organicidade e vida perante a próprio processo de urbanização.

Perceber a casa, aqui as palafitas e construções híbridas da *Castro Alves* (como as de tantas outras Ressacas aterradas), como uma dinâmica de habitar certa parte da Amazônia e perceber a construção desses modos de agir me conversa com o ambiente

(nem sempre tão amistosa), mas também com aquilo que Ingold (2022) salienta como interessante na dinâmica de contraproduzir conhecimentos e revelar a importância dos materiais, em seus termos, nesses diálogos. O que compõem as casas? De fato, tomando a perspectiva ingoldiana, refletiria muito mais, talvez, sobre a madeira, telhas ou os aterramentos, entretanto, penso que os materiais que não parecem tão diretamente relacionados fisicamente a profusão de sentidos que é esse habitar, são preferencialmente o meu foco, ou mesmo a partir de uma girada de ideias quando tratamos deles: como os a vegetação, as doenças ou mesmo as comparações entre "o hoje e o ontem" (temporalidades).

Sentada, junto de Dona Socorro, descubro ao longo de nossas conversas que a vegetação que circunda um pequeno lago, que fica em frente a sua varanda, foi por ela trazida de um outro lugar. Os *mururés* eram abundantes naquele lago antes do aterramento, compunham e ainda compõem os desenhos das memórias das pessoas que firmaram alguns raízes por ali, desde o final dos anos 1980. Para ela a vegetação representava, de algum modo, mediado pelo meu olhar, uma conexão com essa temporalidade que ainda corre, nesse caso, logo abaixo do seu assoalho: fluindo pela própria água. Na figura a seguir, é possível vislumbrar perante um outro modo (as lentes por mim gerenciadas) as relações que levo em consideração nesse relato.

Figura 2. Varanda da Dona Socorro (de blusa laranja parcialmente oculta por um vaso de plantas) com visão para o "lago". Fonte: Acervo da Autora (2022).

Mirando a água, ela me conta sobre os peixes que por ali vivem, de como os alimenta e ensina para o filho pequeno de sua inquilina a alimentá-los. Os *mururés* trazidos de outro lugar falam sobre a dinâmica de muitas pessoas que habitam as *Ressacas*, em diversas regiões das cidades de Santana e Macapá, a forte relação com um "jeito ribeirinho". A ocupação dessas regiões na cidade, é atribuída por diversos estudos à chegada de um contingente populacional que migrava da região rural, em especial das ilhas do Pará, do Maranhão ou da Ilha de Santana, para os núcleos urbanos a partir do final dos anos 1980 (Aguiar; Silva, 2004; Portilho, 2010; Tostes; Dias, 2016).

As conexões que realizo entre essas questões está calcada também no que Dona Socorro narra sobre a sua vida, sua saudade de tempos *mais simples,* e do *jeito* de antigamente. Esse dito *jeito*, foi descrito por outras pessoas durante a pesquisa de campo, e está relacionado com uma ética de vida que é pautada em um outra relação com o ambiente, com as materialidades e com a socialidade entre pessoas, coisas e outros seres. Dona Maria, outra interlocutora, ligava esse *jeito* a criação dos filhos que passava por modificações daquilo que lhe fora ensinado, tal como sua casa passava de construída de madeira, para a alvenaria, como melhoria que era "necessária", mais do que apenas "desejada".

Tratei, a cada nova conversa, fotografia e registro em meus diários, de uma forma de socialidade constituída entre sujeitos, a partir de uma experiência com o habitar em centralidade. Mas, gostaria de pontuar que essa centralidade é levantada a partir de uma perspectiva analítica de entender questões que entendi como importantes para o contexto de pesquisa. Como salientei anteriormente (Acacio, 2023), com base nos trabalhos e discussões desenvolvidas a partir de uma bibliografia sobre uma "nova antropologia das casas" (Cortado, 2016) e nos trabalhos produzidos por Marcelin (1996; 1999), as palafitas são um ponto para pensar uma série acontecimentos, modos de vida e dinâmicas, entendendo a urbanização na Amazônia como entes desses processos.

Falar de um *jeito ribeirinho,* ou mesmo, das "mudanças necessárias" e não "desejadas", não tem como intuito uma produção romantizada de habitar palafitas em meio a malha urbana. Porém, o que gostaria de levantar é que essas pessoas, como Dona Socorro, não são passivas a urbanização como aparato de governar e gerir o espaço da cidade, mas sim agentes presentes nessa remodelação. As contradições estão em constância, o saudosismo do modo de vida ribeirinho, descrito como aquele em que sem plantava o que comia, na beira dos rios, de maior facilidade, não é preferível do que o

“dito urbano”, mas conversa com ele ao passo que casas novas surgem, carros são comprados, terrenos aterrados e dejeto são lançados nos cursos d’água.

O desafio de escrever sobre a familiaridade é, de tantos modos, um exercício de pensar formas de tecer considerações não estigmatizantes, porém fugindo do floreio de escrita que possa acontecer. Viver nas *Ressacas*, como Dona Socorro, implica em uma forma de relacionalidade importante com o ambiente. Tais áreas são consideradas de especial interesse nos Planos Diretores de Macapá (2004) e Santana (2006) e, por conseguinte, preconizam um debate sobre a ação humana frente à ambiente e suas trocas. Dona Socorro não têm intenções de aterrar sua casa, apesar de boa parte do terreno já estar dessa forma, entretanto, outros interesses são levantados por ela. Como pode ser visto no croqui abaixo, um desenho dos locais nos quais pesquisei, um córrego ainda é presente ao fundo dos quintais de cada residência. Para Dona Socorro, o tal córrego deve ser “tapado”, sua vontade é colocar uma manilha e fazer correr a água de modo subterrâneo, para que de algum modo o medo do subir das águas passe a não ser mais seu.

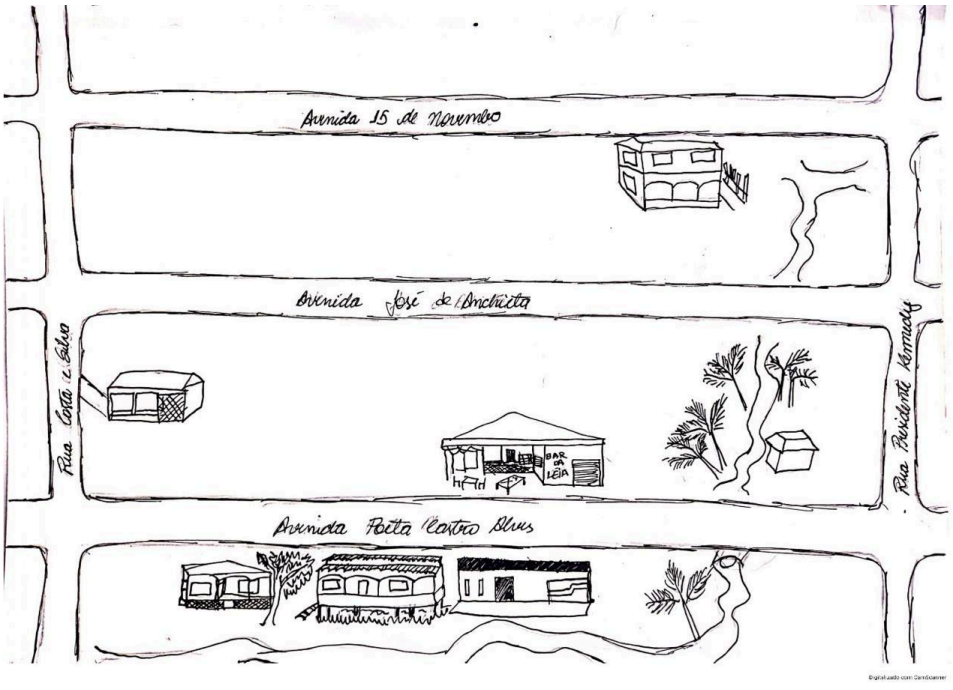

Figura 3. Croqui – Desenho de uma pesquisa, uma *Ressaca* e um Habitar. Fonte: Autora (2023).

Ao tratar das águas urbanas, em especial, nesse “habitar” como algo que lhe acompanham é interessante frisar algumas importantes conexões, já que a Figura acima pode “esconder” uma questão: na *Castro Alves*, essas águas (ditas urbanas), não apenas

correm pelas laterais e quintais, mas também por debaixo das casas e da rua. Habita-se as águas, de algum modo. O que coloca em perspectiva aspectos são caros no que trata as interferências urbanísticas, já que o Plano Diretor da cidade não caracteriza a região a partir dessas especificidades, trazendo hoje (e ao longo das vidas de minhas interlocuções) alguns transtornos.

Tornar visível ou não, retrata uma boa porção das ligações dessas pessoas com a água. Habitar memórias sobre as águas difere-se de enfrentá-las constantemente, de posicionar-se em conjunto a elas. É imprescindível que esses são aspectos que demonstram uma tensão, uma contradição, e por esse modo, importantes para entender a produção de um dinâmica híbrida de vida (pelo menos no que toca a paisagem entre água e asfalto). Lila Abu-Lughod (2018; 2020), em diversas ocasiões, salienta a importância e desafio de escrever sobre o "outro", e de muitos modos, de escrever sobre si em relação ao outro. Um desafio de constância. Uma proposição de produzir histórias sobre histórias, pensando que histórias serão (re)contadas. Como as *Ressacas*, sua gente e demais entes são descritas a partir das casas e da Antropologia?

Ao relatar o desejo de aterramento, Dona Socorro como outras interlocuções levam em conta que a água estava ali antes dela, mas em contrapartida, a sua ocupação exerce mudança nessa paisagem, produz outros desenhos, topografias e intervenções. O processo de aterramento, mesmo que de alguns modos "violento", já que intensifica o alagar, foi solicitado pelos moradores/as. Foi esperado. Aconteceu, mas trouxe à tona as diferenças financeiras entre vizinhos/as (quem pode ou não arcar com uma nova casa e um "novo terreno"), por exemplo. Gerenciar, entretanto, esse espaço comum e não pertencente a um alguém endereçado, leva outros desafios: o córrego, o que restou do lago, mesmo que nem sempre visível, produz ruídos, é sentido na pele, transpassa o caminho que lhe indicaram. Como se referia Seu Eduardo, outro interlocutor, a "água lembra, ela tava aqui antes da gente".

Aproveito para trazer a figura do Seu Eduardo, um novo sujeito-personagem das histórias dessa *Ressaca,* Junto de um bar, o Bar da Leia, uma construção de alvenaria, que ia quase de encontro com o asfalto, o Seu Eduardo e sua família vivem a gerações. Ali pela *Castro Alves* ele habitou diferentes endereços, mas desde que se casou e constituiu a sua "própria família" vive naquela casa que construiu quase que sozinho. Contou-me, sentado em sua cadeira de Balanço como de costume, que obteve ajuda apenas em algum dos processos que deram origem à sua residência, para ele algumas das etapas que necessitavam disso. Diferentemente, da maioria das minhas

interlocuções (mulheres), Seu Eduardo era um senhor idoso que se recuperava de uma recente batalha contra o câncer (importante frisar que o adoecimento foi um tema recorrente), e trazia em suas histórias outras formas de se relacionar com a casa e com as temporalidades que buscávamos acessar (eu, ele e tantos outros sujeitos desses atravessamentos). Os seus mais diferentes tipos de trabalhos e "aventuras", nos auxilia a pensar quando tal acontecimento ocorreu, quando construiu a casa, quando aconteceram algumas enchentes ou mesmo a relação com os vizinhos. Apesar de um campo não explorado, tratava-se de uma mudança substancial na forma de relatar a vida, as mudanças e a própria cidade. Não que minhas interlocutoras não houvessem trabalhado fora de casa, ou mesmo, não trouxessem outras aspirações e desejos em suas histórias, mas o trabalho do cuidado (Federeci, 2019) surgia como algo inerente a esse *jeito de ser* de qual falei.

Essas pequenas nuances, formas de contar, apresentar e selecionar acontecimentos constroem um jeito de pensar aquele espaço e sua constituição ao longo do tempo. As casas assumem um importante lugar ali, tensionam essas relações, produzem formas de socializar com vizinhos, como quando os muros eram em menor quantidade, quando em tempos de *ponte* havia uma socialização constante entre esses sujeitos. As habitações expressam dinâmicas de vida e cidade que perpassam a ideia de Agier (2015) sobre o fazer-cidade que perpassa um entendimento do movimento como figura central. Na *Castro Alves*, as casas são aspectos voláteis, que se materializam pelas histórias, que habitam memórias, mas que estão presentes na paisagem, nas antigas fundações vistas, imagens de satélite[6], fotografias ou mesmo constituindo parte das novas casas, sendo disputadas e marcando presença.

Considerações

As formas de habitar, gerir e produzir histórias sobre o espaço por entre as águas dentro desse texto é uma aproximação para problematizar um complexo fenômeno de produção do espaço tendo a casa com um ponto de partida, em diálogo com tantas outras frentes, como a família, vizinhança e as relações entre antropóloga e suas interlocuções. É interessante pensar que há um processo importante de aliança no fazer-cidade (Agier, 2015) descrito, já que essa cidade se percebe e se concretiza através da produção das narrativas como algo que é o próprio acontecimento. Dito de outro

[6] Em uma parte específica de minha dissertação de mestrado apresento um comparativo das imagens de satélite da região ao longo de alguns anos.

modo, as narrativas dessas pessoas produzem uma ideia de cidade, seus sujeitos, a partir de suas experiências próprias, como eu aqui dedico-me a remodelar, a tratar de outro sentido, para suas ideias permeadas de um posicionamento ambíguo.

Dei espaço, logo após a seção de Introdução, para a necessidade de pensar algumas ideias sobre minha inserção em campo como basilares para a constituição da interlocução, mas também como algo que dá sentido léxico e prático, ou mesmo, etnográfico para as possibilidades interpretativas que busco construir. Os *antigos* e sua socialidade inscrita em temporalidades não-lineares demonstram como para aquelas pessoas habitar significa diferentes jeitos de aliar-se, construir interpretações sobre a vida, cidade e da própria água. É importante pensar que as relações construindo entre vizinhos também segmenta minha perspectiva como antropóloga. Estou mergulhada nelas, percorro suas camadas como sujeito a partir de um outro tom de complexidade dentro desse lugar (mais em comparação à meus pares na antropologia, se um dia foram por ali pesquisar, do que com os vizinhos de minha vó).

O que se entende como habitar é processo dentro de um movimento constante de interpelação de pessoas novas chegando, casas sendo modificadas, reconstruídas, alagadas, ou novas famílias surgindo, outras se constituindo das crianças que agora adultos tornaram-se. As casas são parte disso, expressam sua importância nas trocas entre pessoas e outros seres. Sua arquitetura conta sobre a passagem da vida, seus materiais, pensando aqui a partir de Ingold (2022), relatam sobre novos ciclos aparecendo, desgastes, mas também sobre como o mundo age sobre as casas, consequentemente, dos planos de vida de minhas interlocuções.

A negociação com as águas é absorta em contradições, é evidente, e assim os interesses dessas pessoas também são, entre suas formas individuais de estabelecer interlocuções com a paisagem e suas mudanças. As águas não estão apenas presentes, mas muitas vezes são objeto de desinteresse das pessoas, como também podem ser entendidas como um ente de transformações das aspirações pessoais, de um *fazer-vizinhança* e das próprias dinâmicas urbanas na *Castro Alves.*

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. A Escrita contra a cultura. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,* [S. l.], v. 5, n. 8, p. 193–226, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15615. Acesso em: 10 nov. 2023.
ABU-LUGHOD, Lila. *A escrita dos mundos de mulheres:* histórias beduínas. Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2020.

ACACIO, Nina. *Entre o seco, o molhado e o urbano na Amazônia:* uma etnografia sobre palafitas, meus parentes e áreas de ressaca em Santana, Amapá. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: https://tede.ufsc.br/teses/PASO0573-D.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.
AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mana/a/wJfG33S5nmwwjb344NF3s8s/. Acesso em: 10 nov. 2023.
AGUIAR, Josiane do Socorro e SILVA, Lucilda Maria dos Santos. Caracterização e Avaliação das Condições de Vida das Populações Residentes nas Ressacas Urbanas dos Municípios de Macapá e Santana. pp. 165-236. In: TAKIYAMA, Luís Roberto; SILVA, Arnaldo de Queiroz da (orgs.). *Diagnóstico das Ressacas do Estado do Amapá: Bacias do Igarapé da Fortaleza e Rio Curiaú, Macapá-AP*. Macapá: GEA/SETEC, 2004. p. 165-236.
BOURDIEU, P. A casa kabyle ou o mundo às avessas. *Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)*, *[S. l.]*, v. 8, n. 8, p. 147-159, 1999. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/52774. Acesso em: 15 nov. 2023.
CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. *About the House:* Lévi-Strauss and Beyond. Cambridge, Cambridge University Press, 1995.

CAVALCANTI, Mariana. Do barraco à casa: tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 69, p. 69–80, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/zdwmQ4hj8MTLkhYSJMS4QdS/abstract/?lang=pt. Acesso em: 10 nov. 2023.
CORTADO, Thomas Jacques. *À beira da cidade***:** política e poética da urbanização no Jardim Maravilha**.** 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://objdig.ufrj.br/72/teses/862892.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.
CORTADO, Thomas Jacques. *Á beira da cidade:* política e poético do loteamento. Rio de Janeiro, 7Letras, 2023.
CORTADO, Thomas Jacques**.** Houses made out of eyes. An ethnography of brick walls at the urban fringe of Rio de Janeiro. *Paper presented in the meeting of the European Anthropological Association,* Milan. Mimeo, 2016.
CORTADO, Thomas Jacques. Meia-água: producing space and kinship in a irregular housing subdivision in Rio de Janeiro. *Articulo - Journal of Urban Research*, v. 10, p. 1-21, 2019. Disponível em: https://journals.openedition.org/articulo/4355. Acesso em: 10 nov. 2023.

ELIAS, Nobert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders:* sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução:* Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista. São Paulo, Elefante, 2019.
GUEDES, Alexandre Dumans. Construindo e estabilizando cidades, casas e pessoas. Mana, Rio de Janeiro, v. 23, n.3, p. 403-435, 2017. Disponível em:
INGOLD, Tim. *Fazer:* antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Petrópolis, Vozes, 2022.

KOPPER, Moisés. A Casa como Materialidade Política: Devires de Ascensão Social na Política Habitacional Brasileira. *Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación*, n. 164, 2022. Disponível em: https://dspace.palermo.edu/ojs/index.php/cdc/article/view/7013. Acesso em: 11 out. 2023.
L'ESTOILE, Benoît de; NEIBURG, Federico. Governing the house: an ethnographic approach (introduction). *Etnográfica* [online], v. 24, n. 3, 2020. Disponível em: http://journals.openedition.org/etnografica/9341. Acesso em: 10 nov. 2023.
MACAPÁ, Prefeitura Municipal de. *Plano diretor de desenvolvimento urbano e ambiental de Macapá*. Macapá, P.M.M. - SEMPLA, IBAM, 2004.
MARCELIN, Louis Herns. *A invenção da família Afro-americana*: família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
MARCELIN, Louis Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. *Mana* [online], v. 5, n. 2, p. 31-60, 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mana/a/kghr3xv9tc5yvvybstktplc/?lang=pt# . Acesso em: 10 nov. 2023.
MOTTA, Eugênia. 2016. "Casas e economia cotidiana". In: RODRIGUES, Rute. (org.). *Vida social e política nas favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. p. 197-214.
PORTILHO, Ivone dos Santos. Áreas de Ressaca e Dinâmica Urbana em Macapá. *In:* Seminário Latino-Americano de Geografia Física, 6., Seminário Ibero-Americano de Geografia Física, 2., Coimba, 2010. *Anais* [...]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.
RAPOPORT, Amos. *House Form and Culture*. Hoboken, Prentice Hall, 1969.
SANT'ANNA, Marcia. 2013. Arquitetura Popular: espaços e saberes. *POLÍTICAS CULTURAIS EM REVISTA*, v. 6, n. 2, p.40-63. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/9896. Acesso em: 10 nov. 2023.
SANTANA, Prefeitura Municipal de. *Lei complementar no002 – Plano Diretor Participativo de Santana.* Santana, AP, 2006.
TOSTES, José Alberto e DIAS, Simone Ferreira. As fragilidades urbanas e ambientais de áreas de ressaca na Amazônia. *In:* Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 4., Porto Alegre, 2016. *Anais* [...]. Porto Alegre: ENANPARQ, 2016.